

Uma análise de microconstruções com *vai saber* no português contemporâneo

An analysis of microconstructions with *vai saber* in contemporary Portuguese

Sabrina Reginatto¹
Solange de Carvalho Fortilli²

Resumo: Analisam-se, neste trabalho, microconstruções com *vai saber* no português, partindo dos Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), sustentados, por sua vez, por pressupostos funcionalistas e cognitivistas. Toma-se como objetivo geral descrever as relações de três microconstruções com *vai saber*: perífrase de futuridade, marcador dubitativo e marcador discursivo. Adota-se uma perspectiva sincrônica, com análise de dados coletados do segmento Web/Dialetos do Corpus do Português. As ocorrências são analisadas por meio dos parâmetros: *posição da microconstrução*, *integração sintática*, *manifestação de sujeito* e *unidade semântica conectada à microconstrução*. Complementarmente, utilizam-se critérios específicos para a análise de marcadores discursivos, advindos da Perspectiva Textual-Interativa (Jubran; Koch, 2006; Risso *et al.*, 2006; 2015). As análises das configurações formais e dos perfis funcionais das microconstruções conduzem a resultados que confirmam a coexistência das três no português, sendo a primeira atuante na estrutura canônica da sentença e as outras duas mais “desgarradas” e ligadas à expressão de atitudes do falante e à orientação da interação.

Palavras-chave: Modelos baseados no uso. Marcador Discursivo. Gerenciamento da interação. *Vai saber*.

Abstract: In this work, microconstructions with *vai saber* in Portuguese are analyzed, starting from Usage-Based Models (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), supported, in turn, by functionalist and cognitivist assumptions. The general objective is to describe the relationships of three microconstructions with *vai saber*: periphrasis of futurity, doubtful marker and discursive marker. A synchronic perspective is adopted, with analysis of data collected from the Web/Dialects segment of the Portuguese Corpus. The occurrences are analyzed using the parameters: microconstruction position, syntactic integration, subject manifestation and semantic unit connected to the microconstruction. In addition, specific criteria are used to analyze discursive markers, which are intertwined with considerations arising from the Textual-Interactive Perspective (Jubran; Koch, 2006; Risso *et al.*, 2006; 2015). The analyses of the formal configurations and functional profiles of the microconstructions lead to results that confirm the coexistence of the three in Portuguese, with the first acting in the canonical structure of the sentence and the other two more “detached” and linked to the expression of the speaker's attitudes and the orientation of the interaction.

Keywords: Usage-based models. Periphrases of the future. Doubtful marker. Discursive Marker. Interaction management. *Vai saber*.

¹ Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, MS, Brasil. Endereço eletrônico: reginattosabrina@gmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Curso de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Três Lagoas, MS, Brasil. Endereço eletrônico: fortilli@gmail.com.

Introdução

Neste artigo, interessa-nos analisar três microconstruções com *vai saber* no português: *vai saber* como perífrase de futuridade, *vai saber* marcador dubitativo e *vai saber* marcador discursivo (doravante [vai saber]_{PERFUT}, [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD}).

Para iniciar, mostra-se que, diferentemente do comportamento perifrástico, é possível vislumbrar, para os lexemas verbais *vai* e *saber*, usos como V1 e V2, condição em que os verbos têm seus significados lexicais conservados, plenos, como nas ocorrências abaixo:

- (1) Desde quarta-feira, ele **vai** na prefeitura **saber** se saiu o dinheiro e não tem nada na conta. Hoje pagou o dinheiro de alguns, mas o dele não constava.³
- (2) Olha, **fui** no INSS **saber** o porquê estava tendo alguns descontos no meu salário.⁴

Observa-se que, nesse tipo de uso, os dois verbos mantêm possibilidades de receber flexões modo-temporais e número-pessoais, bem como de exigir complementos. Além disso, seus significados são específicos: de movimento e deslocamento no espaço, para o V1, e de tomada de conhecimento, para o V2.

Neste artigo, partimos de outra possibilidade, já conhecida: a atuação do verbo *ir* como auxiliar. Moia (2017), por exemplo, trata tal elemento como auxiliar temporal e explica que “em português, o verbo de movimento *ir* transformou-se num verbo auxiliar temporal, geralmente descrito como um ‘marcador de futuro’, que permite formar o chamado futuro perifrástico” (p. 02), forma concorrente do futuro sintético. Abaixo, essas possibilidades são apresentadas, respectivamente, pelos casos (a) e (b):

- a) Amanhã não vai chover.
- b) Amanhã não choverá.

São muitos os estudos acerca da trajetória histórica do verbo de movimento *ir* e a sua gradual reanálise como marcador de futuro, dentro do quadro dos processos de Gramaticalização (Oliveira, 2012; Fonseca, 2010; Bragança, 2008). A Gramaticalização, comumente aludida por GR, é o processo de mudança linguística pelo qual elementos do léxico passam a desempenhar funções gramaticais, ou elementos já gramaticais passam a desempenhar funções ainda mais gramaticais, em um processo unidirecional (Heine et al., 1991), daí sua relevância na explicação de como *ir* foi ganhando gramaticalidade e o potencial de atuar na demarcação temporal do português.

³ Comentário de internauta no Facebook.

⁴ Comentário de internauta em www.reclameaqui.com.br.

Em nosso estudo, conforme mencionado, partimos do comportamento já perifrástico e limitamo-nos à forma em terceira pessoa do singular do presente do indicativo, isto é, a forma *vai*. A título de ilustração, seguem ocorrências:

- (3) Analise os pontos em comum que vocês têm, se costumam fazer as mesmas coisas, o que mais te agrada nele, o que mais te irrita, se é amor mesmo, amizade ou só uma forte atração. Vai ser difícil e pode demorar, mas, no fundo, você **vai saber** quem é a pessoa certa para você.⁵
- (04) Esse site não tem relação com a clínica Martins Godoy e com nenhuma outra clínica, loja, empresa... Mandando um comentário aqui, o pessoal da clínica Martins Godoy não **vai saber** do ocorrido. Tem que entrar em contato com a clínica mesmo.⁶

A forma em destaque é uma das formas disponíveis na língua para a marcação de futuro no português, “equivalente” a *saberá*. Sintaticamente, a expressão desempenha uma função essencial na oração, exige sujeito e complemento (objeto “simples” ou oração completiva) e pode se submeter à negação. O verbo auxiliar *ir*, conjugado na terceira pessoa no singular, carrega a marcação temporal e o verbo principal *saber*, no infinitivo, contempla a ideia de tomar conhecimento, possuir habilidade, entre outras nuances, a depender do contexto.

Em outros usos, detectam-se alterações em seu potencial de marcação de futuro, e a expressão como um todo parece ganhar contornos que passam por outros significados, mais abstratos, ligados, de maneira geral, à atitude do falante diante do que é dito:

- (4) Também curtimos o famoso banho de lama, muito divertido! A tal lama tem “poderes” cosmético/medicinais. **Vai saber** se tem mesmo... mas que eu já comprei muita máscara facial e corporal exatamente como aquela lama, isso já.⁷
- (5) Visto que o público maior gosta é de som ruim, não sei se o destino para ficar economicamente viável é só passar som tosco, ou se reconquistando o público que gosta de música mais seletiva, porém que são minorias, é a direção correta... **vai saber**... Mas que é triste ver isso é, porque eu já conheci muita banda boa na MTV desde a minha adolescência e até hoje continuo conhecendo bandas boas lá.⁸

Em (4) e (5), as formas destacadas mostram, respectivamente, a perda de sujeito, a mudança na significação, que passa a instaurar dúvida e, por fim, o completo desgarramento sintático da construção das orações do entorno. Nessas ocorrências, o verbo *ir* não contempla

⁵ Disponível em: atrevida.uol.com.br.

⁶ Disponível em: apontador.com.br.

⁷ Disponível em: catalogodeviagens.net.

⁸ Disponível em: exorbeo.com.

a noção de futuridade e as microconstruções⁹, como um todo significativo, adquirem significados mais subjetivos, voltados à organização da interação entre os falantes, expressando modalização, marcação de incerteza, hipotetização, entre outros valores. Na ocorrência (4), observa-se ainda algum tipo de complementação sintático-semântica, pois há a completiva “se tem mesmo”.

No caso (5), observa-se que a expressão não opera como unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como uma espécie de parêntese (Thompson; Mulac, 1991; Jubran; Koch, 2006), desprendendo-se da arquitetura sintática constituída em seu entorno. Conjuntamente, no campo do significado, observa-se abstratização (Bybee, 2016), baseada em um maior distanciamento da noção de futuridade e um ganho pragmático que leva a microconstrução a atuar no nível da organização do discurso, incluindo as relações entre os falantes. Ao atuar como expressão organizadora do discurso, *vai saber* exibe comportamento de marcador discursivo (doravante MD). São pouco consensuais os traços definidores dos MD, pois, como afirmam Risso et al., (2006), trata-se de um grupo de elementos de constituição bastante diversificada, desde sons não lexicalizados até sintagmas mais desenvolvidos, que formam uma categoria pragmática bastante relevante para o funcionamento da linguagem. Para esses autores, são elementos com alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional e independentes da estrutura sintática da oração, portadores de demarcação prosódica própria, dentre outras características.

São esses processos, aqui brevemente esboçados, que procuramos elucidar neste estudo. Para tanto, organiza-se o texto da seguinte forma: na primeira seção, são apresentados os fundamentos dos Modelos Baseados no Uso e da Perspectiva Textual-Interativa, os quais dão sustentação às nossas análises. Na segunda seção do texto, apresentam-se os Procedimentos Metodológicos. A terceira parte contempla a Análise dos dados, que desencadeia as Considerações Finais e, por fim, o referencial teórico utilizado.

Fundamentação teórica

Embasam esta pesquisa os Modelos Baseados no Uso (Bybee, 2016; Diessel, 2019; Traugott; Trousdale, 2021), assentados, por sua vez, em pressupostos funcionalistas e cognitivistas. O que se convencionou chamar de funcionalismo norte-americano, paradigma com forte desenvolvimento nos anos 1970, representou um alicerce importante para o surgimento desses Modelos (MBU, daqui em diante), por representar uma reação às

⁹ Pareamentos linguísticos de forma e significado constituem as construções, unidades básicas da língua. Com diferentes níveis de abstração e complexidade, as construções vão de lexemas a padrões gerais como o da oração transitiva, por exemplo. Dentro do inventário linguístico, microconstruções são estruturas totalmente preenchidas, sem nenhum *slot* vazio, ou seja, *types* individuais, específicos.

impropriedades constatadas nas pesquisas estruturalistas e gerativistas, ambas de cunho formal. De forma ampla, as pesquisas funcionalistas se balizam pela ideia de que “uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa” (Furtado da Cunha, 2013, p. 163).

Pesquisas fundadoras do que se tem hoje como Linguística Cognitiva (LC), como as de Fillmore *et al.* (1988), Lakoff (1987) e Langacker (1988), também foram motivadas por insuficiências em modelos anteriores. Impulsiona a LC a ideia de não modularidade da mente, isto é, de que a linguagem não constitui um componente autônomo, independente de outras faculdades mentais. Atualmente, no variado conjunto de teorias abrigadas na LC, assume-se que o conhecimento linguístico é pautado nas experiências que o falante tem com a língua, e as categorias linguísticas são baseadas nos usos reais das construções, da mesma forma que as categorias pelas quais se classificam seres e objetos são baseadas na experiência do homem com a realidade biossocial.

O diálogo entre esses campos teóricos possibilitou a gênese dos MBU, também abarcados por rótulos como Linguística Baseada no Uso ou Linguística Funcional Centrada no Uso (Pinheiro; Alonso, 2018), que consideram, de forma geral, a conexão entre a produção e a interpretação de enunciados e os processos cognitivos de domínio geral. A descrição linguística que se propõe preocupa-se com pontos como: de que maneira a estrutura linguística é afetada pelo uso, como a frequência, a mudança e a variação correspondem a uma representação cognitiva mais geral do conhecimento do falante e como processos cognitivos de domínio geral, isto é, não exclusivos da capacidade linguística, podem atingir a convencionalização de estruturas na língua. Dizendo de outro modo, com a consideração de que a gramática é moldada pela experiência e advém de processos cognitivos de domínio geral, passa-se a investigar os usos e a forma como eles moldam as estruturas da língua, emergindo de instâncias concretas que permitem a fixação de pareamentos convencionais.

Tais pareamentos baseiam-se na forma e no significado e constituem as construções, unidades básicas da língua. Com diferentes níveis de abstração e complexidade, elas vão de lexemas a padrões como o da oração transitiva, por exemplo. Ligada à abstração, encontra-se uma importante propriedade das construções, a esquematicidade. Para Traugott e Trousdale (2021), um esquema é uma forma de generalização taxonômica de categorias, sejam elas linguísticas ou não. Na língua, os esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, que podem ser procedurais ou de conteúdo. Dessa forma, dentro do inventário linguístico, as construções exibem diferentes graus de esquematicidade, pautados em uma gradualidade de generalização e especificação. O nível do esquema contempla padrões totalmente esquemáticos, com todos os *slots* (espaços) abertos, como o padrão [SVO], capaz de abrigar diferentes elementos em cada uma de suas posições. No nível do subesquema, estão os padrões parcialmente esquemáticos, como o subesquema dos

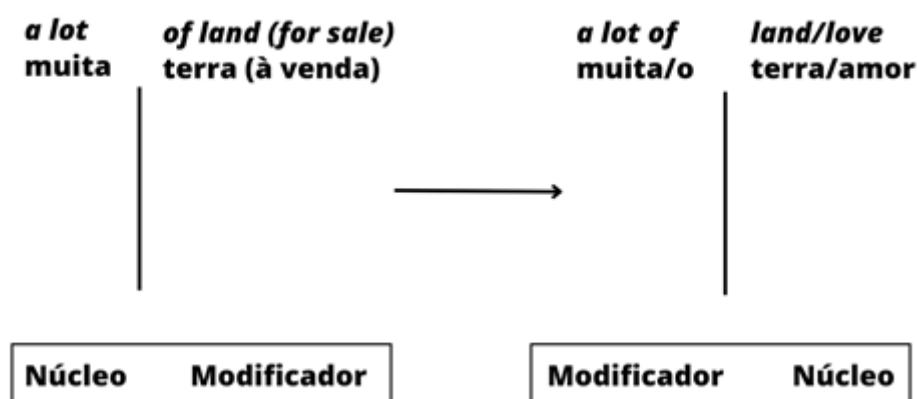
conectores [XQUE] com valor temporal no português, com um lugar preenchido e outro passível de ser ocupado por outras unidades linguísticas e, finalmente, no nível das microconstruções situam-se unidades que são totalmente preenchidas e não tem nenhum *s/ot* vazio.

Quando se pensa em como esses pareamentos surgem e se consolidam, toca-se no que, para Traugott e Trousdale (2021), são processos fundamentais: a mudança construcional e a construcionalização. A primeira é constatada quando ocorrem alterações que afetam uma dimensão interna da construção, a da forma ou a do significado, não envolvendo a criação de um novo nó na rede. As mudanças construcionais podem levar (mas não necessariamente) à formação de novos pareamentos de forma e significado. Quando isso ocorre, temos o que Traugott e Trousdale (2021) denominam construcionalização.

A construcionalização geradora de elementos procedurais (mais gramaticais) tem como uma de suas bases primordiais o fator composicionalidade, que se refere ao grau de transparência do elo entre forma e significado, ou seja, ao quanto os significados das partes levam ao significado do todo. Segundo Traugott e Trousdale (2021), se uma construção é semanticamente composicional e o falante produziu uma sequência sintaticamente convencionalizada, o ouvinte, por sua vez, entende o significado de cada item individualmente. Mas se não é composicional, a transparência semântica e a vinculação sintática dos elementos são afetadas, o que pode se associar a processos cognitivos como a automatização, crucial para a consolidação de novas funções gramaticais. Segundo Diessel (2019), trata-se de um processo gradual, relacionado à frequência de uso, que contribui também para a formação de *chunks*. Esse processo, nomeado *chunking*, é tomado como uma unidade de organização na memória, possível graças à união e ao “amalgamento” de outros *chunks* já disponíveis. Nas línguas, esse processo permite a formação de expressões e/ou unidades linguísticas baseadas em itens sequenciais que, com o uso, passam a ser embalados juntos na cognição.

A neoanálise representa um outro processo de bastante relevância e é entendida como um mecanismo de interpretação negociado entre falante e ouvinte em situações específicas. Nesse processo, ocorrem mudanças de forma e/ou de significado, fundadas em interpretações inaugurais geradas por aquele contexto e disseminadas na comunidade de falantes, como se exemplifica com o caso de *a lot of*:

Figura 1: Neoanálise de *a lot of*



Fonte: Traugott e Trousdale (2021, p. 63).

O que se vê na figura é a ocorrência de construcionalização, uma vez que, além de se identificar mudança no plano do significado/função (de partitivo para quantificador), também se observa mudança na forma, a qual vem de uma neoanálise da relação de núcleo no binômio, já que, num primeiro momento, *lot* era o núcleo por ser uma quantidade, uma medida que definia em unidades a disponibilidade de algo (a ser vendido, por exemplo). No decorrer da trajetória, *lot* passa a portar significado mais inespecífico (*muito*, *bastante*) e, dentre as duas partes, o núcleo se desloca para o outro SN (*terra* ou *amor*, nos casos acima). Além disso, houve uma neoanálise da preposição *of*, que passa a ser a ser parte fonológica do quantificador.

De base “interpretativa”, a neoanálise está ligada a processos de (inter)subjetivização. Traugott (2010) define por meio das ideias de Lyons (1982) o conceito de subjetividade: “é a forma pela qual as línguas naturais, em sua estrutura e maneira própria de operação, fornece ao falante meios de expressão de suas crenças e atitudes”. Se a subjetividade é o mecanismo pelo qual o falante pode expressar suas atitudes e crenças, a intersubjetividade, segundo Traugott, manifesta-se pela expressão de crenças e atitudes do falante relacionada a sua autoimagem e àquela que ele tem sobre seu ouvinte. O ponto crucial desse processo é o modo como significados tendem a se tornar cada vez mais baseados em crenças subjetivas ou atitudes do falante em relação ao que é dito e a como é dito, equivalendo ao modo pelo qual os falantes desenvolvem novos sentidos para palavras já existentes, expondo, via itens linguísticos, suas atitudes (Traugott, 2010, p. 34).

Ainda no campo do relacionamento dos participantes com o que é dito, destaca-se a modalidade epistêmica. De acordo com Neves (2000), a modalidade epistêmica tem como característica o modo como o enunciador se expressa em relação ao conteúdo da informação, interagindo com o grau de verdade que acredita haver nela. Em estudo focado em advérbios modais, Castilho e Castilho (2002) definem subclasses para tal categoria: 1) modalizadores

epistêmicos, que abarcam os asseverativos, os quase-asseverativos e os delimitadores, 2) modalizadores deônticos e 3) modalizadores afetivos. Nos quase-asseverativos, encaixam-se *talvez*, *assim*, *possivelmente*, *provavelmente* e *eventualmente*, os quais, na classificação de Neves (2000), corresponderiam a adjetivos de eventualidade. A atenção a esses trabalhos justifica-se pela possibilidade de que uma das microconstruções com *vai saber* seja analisada considerando sua semelhança funcional com os adverbiais quase-asseverativos.

Em interação com estudos de modalidade, salienta-se a pesquisa de Sousa (2007). Focalizando a GR em expressões como *quem sabe se*, a autora expõe casos como o que segue:

- (06) A: há muito que não sei dele. Então, como estava me dando saudade, pedi ao Anfilóquio para escrever uma carta.
B: **Quem sabe se** ele não anda doente...
A: A última vez que tive notícias, ele estava forte e saudável. (Sousa, 2007, p. 152)

Para Sousa (2007), a constituição de *quem sabe se* ocorre pela adjunção da conjunção *se* ao bloco que, em uma estrutura de complementação canônica, equivaleria a uma oração matriz. Complementarmente a essa afirmação, a pesquisadora argumenta que *quem sabe se* tem valor próximo ao do advérbio *talvez*, funcionando como “marcador de modalidade dubitativa”. A paráfrase corrobora a afirmação:

Quem sabe se ele não anda doente?
Talvez ele ande doente. (Sousa, p. 153)

Os termos em destaque estão em condição de semelhança, mas não são idênticos. Uma primeira distinção é quanto à combinação de cada marcador com o modo dos verbos: *talvez* se relaciona com verbos na forma de subjuntivo, enquanto *quem sabe se* está ligado a verbos no indicativo. Além dessa questão, há uma diferenciação pragmática: *quem sabe se* faz com que o interlocutor seja, de certo modo, impelido a emitir um parecer acerca da validade da Proposição enunciada pelo falante, fenômeno que não se observa quando do emprego de *talvez*. Ainda, “o fato de essa função ser cumprida por *quem sabe se* e não por *talvez* deve-se, certamente, à força ilocucionária interrogativa da construção com *quem sabe se*, provavelmente induzida pelo pronome que encabeça a expressão” (Sousa, 2007, p. 153).

Essas asserções de Sousa (2007) abrem caminho para a análise de uma das microconstruções com *vai saber*, por nós rotulada como marcador dubitativo e detalhada na seção de análise.

Por fim, abordam-se questões relativas aos MD, por meio do aparato metodológico e analítico constituído por Risso *et al.* (2006; 2015), no âmbito da PTI. De forma ampla, os autores tratam os MD como

Um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções, e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa. (Risso; Silva; Urbano, 2006, p. 403).

Risso *et al.* (2006) apontam que a dificuldade na delimitação dos MD e, conseqüentemente, no tratamento desses elementos na condição de integrantes de uma categoria discursiva, deve-se, também, ao fato de que eles se situam no nível pragmático da linguagem, para o qual se tem menos especificidade nas pesquisas.

A partir dessa asserção, e pela aplicação de dez variáveis a um vasto conjunto de dados, Risso *et al.* (2015) apresentam sistematicamente um conjunto de traços típicos, suficientes para contemplar as funções de *articulação tópica* e de *orientação da interação*, ambas presentes nos MD:

- 1) Alta recorrência;
- 2) Exterioridade ao conteúdo proposicional;
- 3) Transparência semântica parcial;
- 4) Invariabilidade formal ou variabilidade restrita;
- 5) Independência sintática;
- 6) Contorno prosódico com pauta demarcada;
- 7) Não autonomia comunicativa;
- 8) Massa fônica reduzida.

(Risso *et al.*, 2015, p. 381)

Tendo tais traços como os mais centrais da categoria, entende-se que quanto mais atributos um marcador possuir, mais prototípico ele se torna. Esses elementos, de forma geral, fornecem pistas de contextualização e instruções de processamento para a interpretação das relações entre os tópicos discursivos e podem aparecer na posição final, medial e inicial das sentenças. Agrupados, esses elementos compõem uma hiperconstrução (Diewald, 2020), um paradigma em torno de uma função maior – a marcação pragmática. Essa última poderia ser traduzida como uma “macrofunção”, que está voltada para a gestão do discurso, como orientar mudanças de tópico e digressões, além de monitorar a relevância informacional do que é declarado, entre outros papéis.

É no enquadre desses papéis que conversamos também com a pesquisa de Guerra (2007), assentada na PTI. Para essa vertente teórica, não há dissociação das características estruturais da dinâmica dos processos formulativo-interacionais sistematicamente envolvidos em sua produção, entendendo-se por “sistematicamente” as regularidades na estruturação textual e nos princípios que norteiam o desempenho verbal. Assim, toma-se o texto como objeto de estudos para dele depreender regularidades, pela recorrência em contextos definidos, das formas de processamento das estratégias de construção textual, dos mecanismos de estruturação textual, entre os quais se incluem os MDs e suas funções textuais-interativas.

Para Guerra (2007), as funções textuais-interativas são definidas como a imbricação dos processos de formulação textual e de interação de maneira a não ser possível considerá-los separadamente. Nessa perspectiva, “os fatores interacionais são inerentes à expressão linguística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo” (Jubran; Koch, 2006, p. 29). O princípio de gradiência traduz-se pela não discretude de traços funcionais e pela possibilidade de dominância de uma ou outra função, o que desemboca na ideia de que, nas interlocuções, cada MD expressa função mais acentuadamente textual ou mais acentuadamente interacional.

Feitas tais conexões entre as correntes teóricas, as quais convergem em pontos como a importância atribuída ao uso da língua e a concepção de que as funções linguísticas apresentam variação e gradiência nas interações reais, apresentamos o percurso metodológico adotado.

Procedimentos Metodológicos

Os nossos dados foram coletados no banco de dados do *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006). Nele há três *subcorpora* diferentes: o primeiro é o Gênero/Histórico, criado em 2006, por Davies e Ferreira, comportando 45 milhões de palavras ao longo dos séculos XIII a XX. O segundo, Web/Dialetos, reúne um bilhão de palavras de páginas da internet de quatro países de língua portuguesa, Brasil, Portugal, Angola e Moçambique. E o terceiro, *Now*, abreviatura para *News of the web* (Notícias da internet), abriga 1 bilhão e 100 milhões de palavras entre os períodos de 2012 a 2019.

Foram selecionados, por busca simples dos termos “vai saber”¹⁰, trechos de diferentes tipos de textos dispostos no *Corpus* (notícias, ficção, textos da web, comentários de opinião, entre outros) no português contemporâneo (século XXI). Pela grande quantidade de dados e por nossa pesquisa não ter, diretamente, um interesse quantitativo, delimitamos um recorte

¹⁰ Na pesquisa de mestrado que deu origem a este texto, outras “fórmulas” de busca foram utilizadas na coleta, para fins de observação de possíveis materiais intervenientes em *vai saber*. Por questões de espaço, não se fará uma vasta discussão deste ponto, mas apenas considerações em momento oportuno da análise.

de 450 ocorrências. Para isso, tivemos como ponto de partida uma observação prévia que identificou ocorrências com traços alinhados à perífrase de futuridade, de marcador dubitativo e de marcador discursivo, para que depois fossem selecionadas as primeiras cento e cinquenta ocorrências de cada microconstrução. A intenção foi observar as regularidades de um conjunto significativo de dados, aplicando a cada um os mesmos fatores de análise.

Os parâmetros de análises selecionados foram:

- a) Posição da microconstrução [vai saber] em relação ao conjunto de orações de que faz parte: esse critério potencialmente revela traços sintáticos que distinguem as três microconstruções em análise, já que, de PERFUT a MD, é provável que se delineie uma tendência à liberdade de colocação;
- b) Integração sintática: esse critério, assim como o anterior, objetiva permitir que se observe fixidez ou mobilidade sintática das microconstruções;
- c) Manifestação de sujeito: o objetivo desse parâmetro foi discutir de que forma a presença ou ausência de sujeito corrobora as diferenças entre as três microconstruções;
- d) Unidade semântica “conectada” à microconstrução: considerando Termo, Estado-de-Coisas e Proposição, investiga-se se há uma tendência de cada tipo de *vai saber* a se ligar a uma ou outra dessas unidades.

Complementarmente, os casos da microconstrução [*vai saber*]_{MD} serão discutidos, tanto quanto possível, sob os parâmetros da PTI, já expostos acima.

Análise de *vai saber* no português contemporâneo: três microconstruções em interação

A interligação dos quatro parâmetros de análise mostrou resultados que permitem confirmar que *vai saber* é instanciado em três distintos padrões construcionais do português contemporâneo, como se passa a apresentar e analisar.

A posição que *vai saber* ocupa no conjunto de orações do qual faz parte revela importantes diferenças sintáticas entre os três casos analisados. Este parâmetro está intimamente ligado à relação de maior ou menor integração sintática de *vai saber* com a estrutura oracional de que faz parte.

Evidenciou-se que [*vai saber*]_{PERFUT} apresenta-se, sintaticamente, como um constituinte da arquitetura básica da sentença, com função essencial a sua organização. Por se colocar como o predicado de uma oração, a microconstrução atua em uma posição fixa, que é prototípica na estrutura canônica da oração em português. Tal comportamento é visto no caso (06), em que a perífrase se antepõe à sentença encaixada:

- (6) *É preciso dizer tudo sem medo, pois assim seu parceiro vai saber exatamente o que fazer para levá-la ao êxtase! Aproveite e pergunte a ele o que ele gosta que você faça para ele, afinal, sexo é feito entre duas*

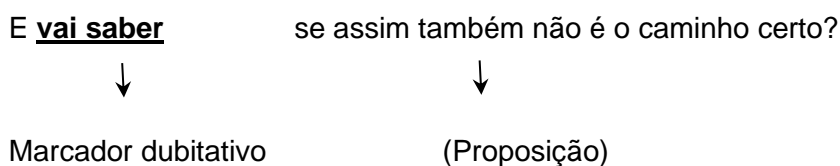
*peças e ambas devem ser estimuladas, uma pela outra. E, se ele vai agradá-la, que tal você também fazer o mesmo?*¹¹

Em (6), observa-se uma relação de alta articulação e integração entre as orações, sendo que a microconstrução é instanciada como termo essencial à sintaxe do período. Enfocando, de maneira mais específica, a oração em que se aloca a perífrase, tem-se uma oração matriz (*seu parceiro vai saber*) e a oração encaixada (*exatamente o que fazer*), em uma organização esperada para relações interoracionais como essas.

Por outro prisma, quando se analisam a posição e a forma de integração sintática que permeiam a instanciamento de [vai saber]_{MARCDUB}, tem-se uma menor articulação com outros segmentos do entorno, como se observa em (07).

- (7) É uma coisa muito complexa, é possível que estamos vivendo em uma ditadura oculta. Oculta porque se isso se tornar pública haverá revoltas em todos os lugares. Por debaixo dos panos tudo fica mais fácil, todos se conformam com pequenas vitórias e eles mantêm o comando das coisas sem maiores conflitos. E **vai saber se assim também não é o caminho certo?**¹² (Disponível em: linhade defensiva.org).

Na ocorrência acima, a relação sintática entre os constituintes do complexo oracional muda. O “formato” de perífrase ainda prevalece e costuma ocupar uma posição típica (mais inicial), mas já não se pode compreender da mesma maneira a conexão com aquilo que teria sido um “argumento interno”. O que equivaleria à oração matriz *vai saber* + oração completiva corresponde, nesses casos, a uma sentença moldada em torno de uma única Proposição, sobre a qual incide o marcador dubitativo *vai saber*. Em ocorrências assim, [vai saber]_{MARCDUB} aparece anteposto ao objeto da incerteza e sua leitura sugere contorno entoacional interrogativo, como se salienta a seguir.



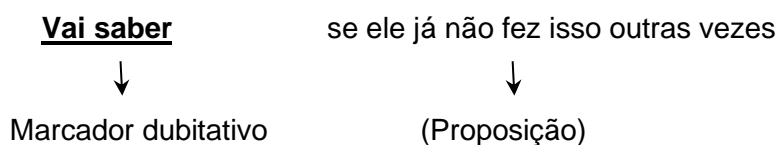
Para fins de maior clareza, segue mais uma ocorrência:

- (08) Mas por favor, você precisa procurar ajuda! Querer esquecer não vai adiantar. Precisa denunciar esse cara, **vai saber se ele já não fez isso outras vezes.**¹³

¹¹ Disponível em: ajudaemocional.tripod.com.

¹² Não é nosso interesse neste escrito discutir se as neónalises podem estar redefinindo os constituintes, levando à integração do conectivo **SE** a [vai saber]_{MARCDUB}, embora seja uma possibilidade relevante. Essa discussão exigiria um trabalho focado apenas nessa microconstrução (marcador dubitativo), e aqui se objetiva mostrar a coexistência das três no português atual.

¹³ Disponível em: escrevalolaescreva.blogspot.com.



A construção [vai saber]_{MD}, por sua vez, foi encontrada em várias diferentes posições dentro do complexo oracional. Sintaticamente, [vai saber]_{MD} perde o *status* de unidade com função essencial à organização da sentença e passa a atuar como se fosse um parêntese, ganhando maior liberdade sintática, o que permite que a construção seja inserida em diferentes posições, conforme a necessidade do falante e o alcance dos seus propósitos comunicativos. Os casos abaixo dão evidências disso:

- (09) Agora, o que qualquer um percebe é o que o pessoal da casa chama de Piedra Fundamental. Dizem as más línguas que, se tirarem essa garrafa daí, o bar vem abaixo. Eu acho melhor deixar ali quietinha, **vai saber**...¹⁴
- (10) Rooney quer um contrato novo com o United e disse que não quer sair. Isso vai na direção oposta do que disse hoje Michel Moulin, criador do 10 Sport. O rapaz, que trabalhou por um curto período de tempo no PSG em 2008, falou que fontes seguras (**vai saber**) confirmavam que a transferência de Rooney para o PSG já está acertada.¹⁵

A liberdade sintática da microconstrução permite que a instauração de dúvida recaia sobre qualquer informação dentre as que compõem o enunciado. Em (9), o MD aparece em posição final e a incerteza recai sobre uma ideia, que depende de inferências do receptor. Seria algo como “vai saber se o bar não vem abaixo mesmo, então é melhor deixar a garrafa ali quietinha”. Em (10), [vai saber]_{MD} é instanciado na posição “medial” e a dúvida, que traduz uma postura reticente do falante quanto às informações sobre um atleta, recai sobre “fontes seguras”.

Sintaticamente, o MD não se integra aos domínios da estrutura da qual faz parte, por isso, é uma construção mais livre e apresenta-se alheia à estrutura canônica da sentença, ou, nos termos da gramática tradicional, não desempenha função essencial. Esse comportamento reflete sua liberdade sintática e corrobora a classificação desse *vai saber* como um MD. Destaca-se a relevância de sua atuação no nível pragmático da língua, no sentido de que materializa aspectos da postura do falante quanto ao conteúdo da interação e, indiretamente, do relacionamento dos participantes da comunicação.

¹⁴ Disponível em: destemperados.com.br.

¹⁵ Disponível em: oldtraffordbr.com.

Ainda sobre o nível sintático, a manifestação do sujeito é um parâmetro capaz de reafirmar as diferenças entre as três microconstruções discutidas neste trabalho, uma vez que tem impacto sobre a composicionalidade e altera a integridade semântico-sintática das subpartes envolvidas. Chama-se sujeito à unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração (Bechara, 2000). O sujeito é um termo essencial de uma oração, uma vez que corresponde ao SN que compõe de maneira imediata uma frase verbal e a partir do qual as demais funções sintáticas podem ser delineadas. O sujeito é um dos argumentos verbais e, como tal, é capaz de influenciar no modo de atuação das construções linguísticas e, como se observa a seguir, a presença (ou não) de sujeito é cara para a distinção das microconstruções. Em (11), tem-se uma ocorrência da construção [vai saber]_{PERFUT}:

- (11) Mantenha o caminho por onde passa um deficiente visual limpo e desimpedido: objetos fora de lugar podem causar acidentes. Para mostrar onde está uma cadeira, basta colocar a mão do deficiente visual no encosto da mesma: ele vai saber onde ela está e vai se sentar sem problemas.¹⁶

Em casos assim, a perífrase faz parte da ordenação SVO operando na organização da predicação. Há, também, um sujeito ao qual o verbo (ou perífrase) se vincula. Desse modo, é possível a variação modo-temporal e número-pessoal do verbo *ir*, uma vez que o que se tem é uma relação de auxiliaridade – com no caso “as pessoas da equipe vão saber o que, quando e como fazer, tanto na regra como nas exceções”¹⁷. Ainda, pela prototipicidade do complexo oracional de que faz parte, a construção [vai saber]_{PERFUT} admite a negação, como se vê no dado “Ele não vai saber a diferença entre a bota velha e seus novos tênis de caminhada”¹⁸.

Por outro lado, na construção [vai saber]_{MARCDUB} não se identifica a presença de sujeito. Não se expressa *quem* vai saber de alguma coisa (*que* ou *se* alguma coisa). O que parece ocorrer nesses casos é a formação do *chunking* *vai saber*, que se comporta como um expediente de caráter mais gramatical, atuante de maneira similar a um advérbio que instaura dúvida ou incerteza sobre seu escopo, que é, predominantemente (em nosso corpus) uma Proposição. A presença de *se*, responsável pela instauração da ideia de possibilidade, colabora para o perfil dessa microconstrução, verificado nos casos abaixo:

¹⁶ Disponível em: asac.org.br.

¹⁷ Disponível em: aisapereira.blogspot.com.

¹⁸ Disponível em: casa.hsw.uol.com.br/como-resolver-problemas-comportamentais-dos-caes4.htm.

- (12) Tenho as minhas dúvidas se ele consegue vender o carro, pois provavelmente nem faturado deve estar e para isso ele terá que emitir uma NF. **Vai saber** se ele ainda consegue emitir essa NF.¹⁹

Um outro caso ajuda a elucidar essa configuração:

- (13) Aí espalhei um monte de papel no assento. Isso é cruel... porque, por mais que o banheiro parece limpo, **vai saber** se está livre de algum tipo de doença?²⁰

Por não apresentar um sujeito relacionado ao que seria a perífrase, há restrição de tempo-modo e número-pessoa da construção, não sendo mais observadas as flexões. A construção aparece fixa e invariável e não faz referência a uma obtenção de conhecimento, mas se torna um dispositivo de projeção de hipótese, incerteza ou imprecisão acerca da Proposição sobre a qual recai. Essa microconstrução parece trazer sinais da neoanálise que se opera a partir da perifrástica. No processo de convencionalização do *chunking*, o sujeito não faz parte do padrão em questão e, conseqüentemente, as flexões de número e pessoa não são mais necessárias. Nesse processo de *chunking*, *[vai saber]_{MARCDUB}* exhibe impessoalidade, não havendo um agente ou experienciador ligado às significações dos componentes verbais. Sua natureza modal epistêmica começa a se firmar.

Nas ocorrências analisadas, parece haver sempre um contorno entoacional interrogativo/suspensivo, sugerido por vírgulas e reticências após a Proposição, processo complementar nesse processo de consolidação da microconstrução MARCDUB. Não se pode, porém, confirmar tal leitura, pois nossos dados são da modalidade escrita.

Na terceira das microconstruções, *[vai saber]_{MD}*, percebem-se outros traços, como no caso abaixo:

- (14) (...) A partir do momento que os filhos da classe média alta aceitam registrar o dia a dia das serventes e lhes fazer entrevistas, já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Vai saber**. Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira.²¹

Em (14), *[vai saber]_{MD}* atua no gerenciamento e na organização do discurso, sendo usada pelo locutor como estratégia para reduzir o seu nível de comprometimento sobre a afirmação. Nesse contexto, abrange valores subjetivos e intersubjetivos, uma vez que dá evidência da atitude do falante diante da Proposição e, conjuntamente, revela pistas da

¹⁹ Disponível em: noticiasautomotivas.com.br.

²⁰ Disponível em: bolsademulher.com.

²¹ Disponível em: gazetamaringa.com.br.

condução da interação com seu ouvinte. Em linha com Castilho e Castilho (2002), esse desempenho marca a natureza modal quase-asseverativa do MD, pois o falante expõe asserções em seu discurso, mas refreia, com essa microconstrução *vai saber*, as implicações que poderiam ser geradas a partir delas.

Esse MD mostra-se como indicação de hipótese, um cenário possível que aquele que fala gostaria de compartilhar, ainda que com baixa responsabilidade sobre sua verdade. Revestido desse propósito comunicativo, [vai saber]_{MD} não conta com sujeito ou vestígios de uma ligação sintática com a frase “hospedeira”, independência que é típica para a categoria.

Outra pista da consolidação do [vai saber]_{MD} é a não admissão de negação, conforme se percebe pela paráfrase feita a partir do dado (14):

*[...] já é notável o grau de aproximação entre eles, podendo inclusive relativizar se essas mulheres aceitaram ser filmadas por uma eventual insegurança de serem demitidas caso negassem. **Não vai saber.** Doméstica trabalha uma temática intrínseca à cultura brasileira.

Em (14), o acréscimo de negação claramente prejudica a interpretação da microconstrução, tornando-a desprovida de sentido e inadequada ao contexto de uso.

A ausência de sujeito reafirma o *chunking* em [vai saber]_{MD}, iniciado em [vai saber]_{MARCDUB}. Além disso, reforça a atuação da microconstrução como algo externo à estrutura oracional canônica, de modo a cooperar para a “sua modalização e para o seu movimento organizacional, ao inscrever nele condições ou circunstâncias variadas de enunciação” (Risso; Silva; Urbano, 2006, p. 409).

Além dos critérios discutidos até aqui, as diferentes microconstruções instauradas por *vai saber* são influenciadas pela unidade em que se inserem e, conseqüentemente, pelas propriedades semânticas que preenchem seus espaços “argumentais”. Enquanto perífrase de futuridade, *vai saber* se apresenta como uma perífrase de sentido pleno e organiza-se, sintaticamente, no centro de uma oração, exigindo complementos.

(15) Esses pedaços de rochas e metal, ao entrar em contato com a superfície do planeta, pegam fogo e emitem tanta luz que, de longe, parecem uma estrela. Na CHC 180, você **vai saber um pouco mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes**.²²

Na ocorrência acima, o verbo *saber* indica a capacidade de aprender mais sobre o fenômeno das estrelas cadentes, por meio de uma revista, a Ciência Hoje das Crianças-edição 180. Sintaticamente, a construção mostra a ordenação SVO, e o verbo *saber* opera em conjunto com *ir* (conjugado em 3ª pessoa), de modo a organizar em torno de si a

²² Disponível em: cienciahoje.usp.br.

predicação. Nos dados dessa pesquisa, as unidades majoritariamente conectadas à microconstrução [vai saber]_{PERFUT} são termos (como em 15) e Estados-de-coisa.

Já a ocorrência (16) ilustra um padrão mais cristalizado, com *vai saber* como Marcador Dubitativo, sendo outra a unidade que se conecta à microconstrução:

- (16) Não é uma questão de opinião ou de personalidade. Não existe isso de "Não gosto de mulheres, então vou ameaçar e agredir mulheres em posição de comando". Não é uma escolha individual. Também pode ser interessante que algum dos professores homens que ele ouve e respeita fale com ele. **Vai saber** se o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.²³

Nessa ocorrência, o espaço argumental é preenchido por uma Proposição, agregação que foi tendência nos dados desta pesquisa. Como já se adiantou, a microconstrução assume uma natureza de marcador que introduz uma hipótese, aproximando-se das peculiaridades do advérbio *talvez*. A paráfrase da ocorrência, com *talvez* e com outras microconstruções que poderiam operar da mesma maneira, ajuda a elucidar:

- Vai saber** se o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
a. **Talvez** o aluno esteja metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
b. **Quem sabe (se)** o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.
c. **Sabe lá se** o aluno não está metido em um dos muitos fóruns e blogs misóginos disponíveis na internet.

Os termos em destaque em (a), (b) e (c) estão em condição de semelhança, prefaciando e incidindo sobre proposições. Todavia, não são idênticos. Uma primeira distinção tem a ver com o modo dos verbos: *talvez* se relaciona com verbos na forma subjuntiva, enquanto os demais estão ligados a verbos no indicativo. Além dessa questão, há outras particularidades: a forma de se relacionar com conectivos, quanto à exigência ou não de sua presença, além de distinções pragmáticas que certamente se estabelecem, mas que não se objetiva aqui esmiuçar.

A forma do MARCDUB [vai saber] é bastante fixa na língua. Mesmo assim, é possível encontrar, em pequena quantidade, dados com material interveniente, todos conectados a Estados-de coisas, como (17):

- (17) Amigo, os artigos daqui não são de autoria própria, apenas traduzidos. Mas eu discordo que sejam de má qualidade, normalmente quando eu

²³ Disponível em: escrevalolaescreva.blogspot.com.

abro a página inicial quase todos me interessam. **Vai lá saber** o que é verdade ou não, ainda bem que o estudo é uma sugestão do que pode ter acontecido.²⁴

Chama atenção o fato de que o material que se coloca entre *vai* e *saber* tem natureza geral, sem especificidade de sentido, o que contribui para a impessoalidade e a adesão de *vai saber* a um caráter mais procedural. Dizendo de outro modo, *lá*, que inicialmente seria um locativo, em casos assim esvazia-se de seu traço de lugar, passando a ser um afixoide que já não contempla referência ao mundo biossocial (Rosa; Oliveira, 2020).

Como já afirmado, foi predominante a articulação dessa microconstruções a Proposições, peculiaridade que, conciliada aos demais traços discutidos aqui, impulsiona o [vai saber]_{MARCDUB} como o possível ‘gatilho’ para o surgimento de usos como os que apresentamos a seguir:

- (18) Às vezes... **vai saber**... pode ser loucura minha... mas já pararam pra pensar nesses produtos que a pessoa ingere... se não tem alguma substância que deixe a pessoa dependente do produto... ou que é alguma experiência de algum laboratório... pois anos atrás um governo aí fez experiências com pessoas que tinham alguma doença... eh meio que teoria da conspiração rsrs.... (braznet.org)
- (19) Você faz planos pro futuro, mas nem sabe se vai voltar pra casa à noite, se estará vivo no dia seguinte. Sei lá, vai chegar um dia que será impossível viver em cidades grandes. As pessoas viverão cercados por enormes muros, cercas elétricas, vigiados por diversas câmeras e seguranças. É... talvez nem isso dê certo, talvez haja vandalismo e violência mesmo assim... **vai saber**.²⁵

Em usos mais alinhados ao nível pragmático-discursivo, o verbo *saber* perde por completo sua estrutura argumental, deixando de exigir complemento. Observa-se que [vai saber]_{MD} é sintaticamente independente, por ser seguido de pausa (indicada pelos sinais gráficos) e por não operar como matriz de outra oração, sendo uma construção que não é composicional, pois seu significado não corresponde à mera soma de cada uma de suas partes constitutivas.

A construção [vai saber]_{MD} é requisitada pelo locutor como estratégia discursiva que incide, na maior parte dos casos, sobre toda uma Proposição. Sintaticamente, *vai saber*, nessas ocorrências, perde o *status* de unidade com função essencial à organização da sentença e apresenta, como previsto em Risso et al. (2015), independência sintática, isto é, ausência de uma forma explícita de vinculação com a arquitetura das orações vizinhas. Da mesma forma, no campo do significado, observa-se uma abstratização, à medida que se

²⁴ Disponível em: hypescience.com.

²⁵ Disponível em: algumas poucaspalavras.wordpress.com.

perde a noção de operador de futuro e se ganha a possibilidade de atuar no nível de organização do discurso.

Em (18), o falante utiliza a microconstrução como uma estratégia de afastamento, a fim de não se comprometer com o conteúdo que será exposto na sequência. É importante observar que, nesse caso, o MD é utilizado pelo falante antes de uma exposição, de certo modo, polêmica sobre a contaminação de produtos ingeridos pela população e a teoria de que o governo pode fazer experiências radioativas. Assim, é possível fazer a seguinte leitura: *eu não sei*, mas é possível que existam produtos que causem dependência, ou experiências sendo realizadas em laboratórios – o que mostra que, em um movimento de quase-asseveração, o falante busca não se comprometer com a veracidade daquilo que expôs, deixando claro desde o início que ele também tem dúvidas a respeito dos fatos.

Em (19), os procedimentos do falante vão na mesma direção, com instanciação de [vai saber]_{MD} com a finalidade de acentuar que aquilo que ele está mencionando é hipotético, não taxativo. Junta-se ao MD a presença do próprio advérbio quase-asseverativo *talvez*, em um esforço de modalização por parte do enunciador.

Como MD, *vai saber* não é integrada sintaticamente com a cláusula hospedeira, portanto não faz parte da sintaxe. Para além desse traço, identificamos outras características que, de acordo com Traugott (2021), marcam a prototipicidade dos marcadores e são importantes para sua caracterização. Seleccionamos algumas, aquelas que mais contundentemente se apresentaram em nossos dados: a) exprimem mobilidade e podem aparecer em várias posições na oração; b) são (inter)subjativas, uma vez que expressam a atitude do falante (de afastamento ou incerteza) em relação ao conteúdo proposicional associado e estão ligadas à expressão de crenças e atitudes do falante relacionada a sua autoimagem e àquela que ele tem sobre seu ouvinte e c) são microconstruções que contam com especificidades prosódicas, representadas por vírgulas, reticências ou outro tipo de sugestão de suspensão do fluxo entoacional principal na escrita.

A natureza modal epistêmica desse MD indica que seu papel no discurso é mais acentuadamente interacional, no sentido de que se está mais ligado à orientação geral do discurso e ao manejo das relações entre os interactantes.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos três microconstruções com *vai saber* no português: [vai saber]_{PERFUT}, [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD}, considerando fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos, a partir de uma abordagem sincrônica do português atual.

A posição e a integração sintática de cada microconstrução foram reveladoras de importantes distinções, já que os dados identificados com a perífrase de futuro predominaram na posição prototípica para os predicados, estabelecendo-se como esteio da arquitetura

essencial da sentença. A microconstrução MARCDUB também predominou em uma posição relativamente fixa, não se deslocando pelo conjunto de orações de um período. No entanto, há alterações importantes em sua integração sintática, pois ela tem feições de uma oração, mas não exibe todos os traços para se sustentar como tal. Apesar de ligada a uma outra oração, configurada como Proposição, essa microconstrução ostenta uma outra maneira de se integrar, bem diferente da PERFUT. A microconstrução categorizada como MD não exibe uma integração sintática, sendo autônoma em relação às porções do seu entorno, como tipicamente se observa nessa categoria. Consequentemente, [vai saber]_{MD} pode ocorrer em qualquer posição do complexo de orações.

Outro traço relevante é a manifestação de sujeito, com presença desse constituinte apenas com a perífrase de futuridadade. As outras duas microconstruções demonstram impessoalidade, sem que se manifeste um experienciador que *vai saber algo/que algo/se algo*, o que evidencia que as microconstruções MARCDUB e MD não incluem em seus padrões um sujeito. Paralelamente, observa-se, ainda que via escrita, outro ponto: a microconstrução marcadora dubitativa sugere sempre uma leitura com contorno entoacional interrogativo/suspensivo, o que se pode tomar como mais uma “restrição”, já que qualquer leitura com tom de asserção/afirmação não alcança o que essa microconstrução desempenha no português atual.

A vinculação dessas microconstruções baseadas no *chunking* modal epistêmico com Proposições ajuda a referendar o envolvimento de [vai saber]_{MARCDUB} e [vai saber]_{MD} com o campo da subjetividade e da intersubjetividade, bem como sua forte atuação no nível pragmático. Ambas as microconstruções ofertam ao falante maneiras de não se comprometer com a verdade da proposição, ao mesmo tempo em que maneja sua relação com o ouvinte, não lhe parecendo asseverativo em suas considerações.

Quanto ao MD, seu papel, de contribuir para que falante e ouvinte se acautelem quanto ao conteúdo proposicional e quanto às relações interpessoais que se colocam na interlocução, insere-o no rol dos marcadores acentuadamente interacionais.

Referências

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2000.

BRAGANÇA, M. L. L. **A gramaticalização do verbo ir e a variação de formas para expressar o futuro do presente**: uma fotografia Capixaba. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória 2008.

BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. **Gramática do português falado**. Vol II: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**: 45 million words, 1300s-1900s, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DIEWALD, G. Paradigms Lost — Paradigms Regained: Paradigms as HyperConstructions. In: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). **Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 2020. p. 278-315.

FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, n. 3, p. 503-538, 1988.

FONSECA, A. M. H. **A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano**: um estudo na interface Sociolinguística/Gramaticalização. 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

GONÇALVES, S. C. L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade**: um estudo de caso no português do Brasil. 2003. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GUERRA, A. R. **Funções textual-interativas dos Marcadores Discursivos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

DIESSEL, H. **The grammar network**: How linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – Vol I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. A usage-based model. In: RUDZKA-OSTYN, B. **Topics in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

MÓIA, T. Aspectos da Gramaticalização de 'ir' como Verbo Auxiliar Temporal. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, v. 3, p. 213-239, 2017.

NEVES, M.H.M. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLIVEIRA, J. M. A expressão do futuro verbal na escrita jornalística baiana. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2012.

RISSO, M. S.; OLIVEIRA E SILVA, G. M.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. S. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-390.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – vol. I: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 403- 425.

ROSA, F. S. L., OLIVEIRA, M. R. “Alto lá”: a construcionalização de um marcador discursivo na língua portuguesa. **Work. Pap. Linguíst.**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 17-42, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

SOUSA, G. C. **Gramaticalização das construções com orações completivas**: o caso do complemento oracional introduzido por *se*. 2007. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991. p. 313-329.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and intersubjectification: a reassessment. In: CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L. (eds.). **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. Berlin: Walter de Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Trad. Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis: Vozes, 2021.

Sobre as autoras

Sabrina Reginatto

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6883-7143>

É Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Atualmente é mestranda pela mesma universidade.

Solange de Carvalho Fortill

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>

Graduada em Letras (Português-Francês) pela Universidade Estadual Paulista, Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela mesma Instituição. É professora adjunta do *campus* de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, onde atua no ensino de graduação de pós-graduação e compõe o quadro docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

Recebido em jun. 2024.

Aprovado em nov. 2024.